

■ POLÍTICA

Senado Federal

Sucessão no Senado instiga ACM

Ataques ao governo teriam objetivo de minar o nome de Jader à presidência do Congresso

João Domingos
de Brasília

Por trás dos ataques do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) a três ministros e das críticas públicas ao próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, está a eleição do próximo presidente do Senado, analisam senadores governistas e ministros. O bombardeio ao governo teria o objetivo de tentar minar as forças do senador Jader Barbalho (PMDB-PA), até agora o principal nome na sucessão de Antonio Carlos, que se dará no dia primeiro de fevereiro.

Ontem, por exemplo, o presidente do Senado disse que Fernando Henrique sempre toca em assuntos brasileiros quando está no exterior. "Eu pensei que ele deveria tratar do aluguel da embaixada do Brasil em Berlim, que é de R\$ 242 mil mensais, o que é um absurdo", disse.

Além do mais, para o senador, o presidente Fernando Henrique Cardoso aderiu tardiamente ao combate à pobreza.

Apesar de o vice-presidente Marco Maciel, interinamente na Presidência da República, ter pedido uma trégua a Antonio Carlos durante almoço ontem — obtendo a promessa do senador de que diminuiria a força de seus ataques —, a expectativa é que até a eleição do próximo presidente do Senado as críticas serão cada vez mais contundentes.

O senador Jader Barbalho, presidente do PMDB e líder do partido no Senado, já percebeu qual é a tática de Antonio Carlos. Numa reunião com seus principais colaboradores no Senado, ele disse que dará resposta a todo tipo de ataque que vier a sofrer do senador baiano. Os dois não se entendem desde que trocaram acusações públicas, levantando suspeitas mútuas sobre honestidade. Na briga, desafiaram-se a abrir as suas contas bancárias.

Ao perceber que Antonio Carlos

partira para a ofensiva, ainda na segunda-feira, Jader Barbalho combinou com o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), que a primeira resposta sairia dos deputados. Num ensaio feito com muita atenção, Geddel chegou na terça-feira à Câmara dizendo-se candidato a presidente da Casa, enquanto pregava a rejeição à candidatura do deputado Inocêncio Oliveira (PE), atual líder do PFL.

Foi uma resposta que irritou profundamente o senador Antonio Carlos. Por dois motivos: ele não suporta as manobras que Geddel faz — já o denunciou ao presidente Fernando Henrique Cardoso, afirmando que o líder comprara uma fazenda muito mais cara do que suas posses permi-

tiam —; e há um acordo informal no Congresso segundo o qual PFL e PMDB dividem o poder nas duas Casas parlamentares.

Atualmente, Antonio Carlos, do PFL, é presidente do Senado; Michel Temer (SP), do PMDB, da Câmara. Indo o Senado para as mãos do PMDB, a Câmara ficaria com o PFL, nunca com um partido só. E Geddel insinuou que o acordo poderia ser quebrado.

Antonio Carlos continua dizendo que respeita o acordo. Sabe que dessa vez a presidência do Senado ficará com o PMDB, que tem 26 senadores, enquanto o PFL tem 20. Ele tenta trabalhar um peemedebista que não seja Jader. Mas tem encontrado todo tipo de dificuldades. Até agora não

conseguiu convencer o senador José Sarney (PA) a se candidatar. O líder do PMDB, sabendo dos avanços de Antonio Carlos, cuidou de fechar o partido em torno de seu nome. Hoje ninguém contesta o direito de Jader ser o candidato a presidente.

Restaria então ao senador Antonio Carlos Magalhães uma manobra: convencer algum senador a sair candidato, independentemente da escolha do PMDB, levando a decisão para o plenário.

Mas, para isso, teria de convencer o PFL, o PSDB e algum outro partido de grande porte a lutar ao seu lado. Como a presidência da Câmara para o PFL depende da ajuda do PMDB e da boa vontade do PSDB, a disputa tornou-se um grande nó, que até mesmo com a habilidade de Antonio Carlos Magalhães está sendo difícil para desatar. Além do mais, o senador Antonio Carlos sabe que se aumentar muito o seu ataque ao governo federal, a tendência é a aproximação do PMDB com o PSDB.



Antonio Carlos Magalhães